

Roda Sonora: fazer musical coletivo em três contextos

Angelita Broock

Universidade Federal de Minas Gerais
angelbroock@gmail.com

José Leal

Pan American School of Bahia
bahia.beats@gmail.com

Resumo: Este artigo trata-se de um relato de experiência do Projeto Roda Sonora, realizado em três contextos diferentes. A ideia principal do projeto é fazer música coletiva, envolvendo pessoas com e sem experiências musicais anteriores. Através de ferramentas como jogos musicais, rodas de tambores, percussão corporal, uso de instrumentos reciclados, canções de diferentes partes do mundo e atividades de “quebra gelo”, as pessoas se conectam umas com as outras gerando uma energia única. Os dados foram coletados em experiências vividas durante três dias de atividades em lugares diferentes e com grupos diferentes. O primeiro foi um grupo heterogêneo de adultos em uma escola de música em na cidade de Salvador. A segunda Roda Sonora foi para um grupo de educadores de uma escola particular, também na cidade de Salvador. A terceira roda aconteceu no interior do estado da Bahia envolvendo adolescentes de uma comunidade chamada Pedras Altas no distrito de Capim Grosso e uma comunidade quilombola, do Camboeiro. Nos três dias de atividade houve uma conexão sonora movida pelo fazer musical colaborativo e a mediação de dois facilitadores. De acordo com os relatos dos participantes pudemos notar que todos têm a música dentro de si, e que quando as pessoas estão em estado de conforto e bem-estar, sentindo prazer, a liberdade para experimentar novas possibilidades sonoras afloram de forma peculiar para cada um.

Palavras-chave: Roda Sonora; música coletiva; roda de tambor.

Projeto Roda Sonora

Imagine o cenário: uma sala com cadeiras dispostas em roda. Os participantes aos poucos vão chegando e ocupando os lugares vazios. Eles não se conhecem. Alguns são músicos ou tem práticas musicais regulares. Outros trabalham em escritórios ou exercem funções diversas, e não tiveram experiências musicais anteriores. Ninguém sabe ao certo o que vai acontecer, mas todos estão ali. Aos poucos as conversinhas vão começando a acontecer e o gelo começa a ser quebrado. De repente, com a presença dos facilitadores, a música começa a tomar conta do espaço. A música coletiva. Cada um vai, aos poucos,

colocando suas ideias musicais na roda, sem que qualquer palavra seja dita. E então a música acontece, de forma fluida. A energia da roda transforma tudo em uma coisa só. E de repente todas aquelas pessoas estão conectadas pelos sons. Os sons que vem do corpo, da voz e de instrumentos percussivos. Os sons que se misturam e resultam em uma música única, daquele espaço e daquele momento. Sons que se moldam. Sons que se transformam. As pessoas se sentem parte de um todo, mas com sua individualidade preservada. Todas as ideias são aceitas. Não há certo e não há errado. Conexão... coletividade... criação... motivação... auto-estima... ancestralidade... Roda Sonora.

O projeto Roda Sonora surgiu da união das experiências de dois educadores musicais, a partir do desejo comum de proporcionar a grupos distintos experiências musicais coletivas utilizando canções, jogos musicais e roda de tambores, fazendo uma conexão com a primitividade dentro de cada um de forma natural e fluída e estimulando a autonomia e a liderança através de atividades práticas e criativas.

A roda pode ser desenvolvida em diferentes ambientes, e para diferentes públicos, mas sempre com a característica principal de se fazer música em grupo e em comunidade, mesmo que as pessoas ainda não se conheçam. Koopman (2007), descreve 3 características centrais da música em comunidade: fazer musical colaborativo, desenvolvimento da comunidade e crescimento pessoal. O autor diz que a prática musical em comunidade permite que as pessoas se envolvam com atividades musicais coletivamente, além de ter como um de seus objetivos o bem-estar pessoal, ajudando as pessoas a compartilharem suas experiências e conhecerem umas às outras.

Fazer música em grupo traz grandes benefícios para todos os envolvidos, como o desenvolvimento da atenção, memória, criatividade, percepção, além de ser um excelente meio para o desenvolvimento da autoestima e do autoconhecimento. Muitas práticas musicais em grupo tem revelado os benefícios do fazer musical coletivo. Podemos citar os estudos feitos por Amélia Santa Rosa (2006 e 2012) sobre a construção de musicais. Segundo a autora, a construção coletiva do musical, que abrange diversos conhecimentos e linguagens artísticas de forma interdisciplinar, possibilita que os alunos se expressem de infinitas maneiras, contemplando e valorizando suas habilidades individuais. Desta forma, além do desenvolvimento da expressividade de cada um, a criação coletiva proporciona a

aceitação das diferenças formando uma contribuição coletiva através das potencialidades individuais, trazendo como resultado o crescimento da auto-estima e da harmonia do grupo (SANTA ROSA, 2006).

Podemos também citar a pesquisa de Taís Dantas (DANTAS, 2016) sobre interações interpessoais, auto-estima e motivação em aulas coletivas de instrumentos. De acordo com a autora, o ensino coletivo contribui positivamente para o desenvolvimento da motivação e auto-estima a partir das relações interpessoais entre os sujeitos envolvidos, trazendo benefícios para a aprendizagem musical e desenvolvimento social dos indivíduos. Os encontros coletivos promovem a autonomia e a cooperação dos estudantes, que se sentem motivados ao realizarem suas tarefas com êxito, contribuindo assim para a elevação da auto-estima, ao sentir prazer e orgulho diante das realizações e abrindo possibilidades de sentir satisfação.

Embora sejam contextos diferentes, as duas práticas coletivas citadas compartilham os sentimentos de bem estar e realização pessoal dos participantes, favorecendo o crescimento da auto-estima e o desenvolvimento da expressividade, tanto individualmente quanto em grupo, e partindo das relações com a música e com o grupo. Essas são também algumas das características centrais da Roda Sonora, que se caracteriza também por não ser ensino sistemático de música e sim encontros musicais pontuais.

A Roda Sonora envolve atividades de prática musical com a voz, o corpo e a execução de instrumentos percussivos através de experiências musicais coletivas e colaborativas. Portanto, uma das ferramentas utilizadas é a roda de tambor, que tem o propósito de fazer música coletivamente através de tambores e instrumentos de percussão (SUZUKI, 2008). Suzuki traz 3 modelos de rodas de tambores, que foram criados por Arthur Hull. São eles: 1) Rodas anárquicas: onde não há regras específicas e os ritmos evoluem ao acaso, com a colaboração musical espontânea dos participantes; 2) Rodas Culturais específicas: organizada seguindo um modelo étnico-cultural, e com a utilização de instrumentos típicos de uma determinada cultura; 3) Rodas comunitárias: onde todas as pessoas são convidadas a participar, sem a necessidade de conhecimentos musicais prévios. Neste último modelo, as pessoas podem compartilhar suas experiências rítmicas e musicais, resultando em harmonia, camaradagem e sentimentos de bem estar, compartilhando o

prazer de tocar, dançar e cantar juntos (SUZUKI, 2008), assim como acontece na Roda Sonora.

Qualquer pessoa pode participar, com ou sem experiências musicais anteriores, sendo uma atividade que envolve todos os participantes, cada um no seu nível de aprendizagem, de forma divertida e extremamente musical. É um encontro de muita prática musical, onde as pessoas vão sendo levadas a se expressar musicalmente, cada um à sua maneira, criando a música do momento no grupo. O processo criativo se dá na roda como ato de (trans)formar a capacidade de compreensão e aprendizagem dos participantes, incluindo experiências individuais, com a interação do pensamento e do contexto cultural no qual a pessoa está inserida (CSIKSZENTMIHALYI, 2013). Na Roda Sonora, a música é construída pela coletividade com a contribuição de cada participante e a mediação de dois facilitadores.

O papel do facilitador

O termo “facilitador” é muito utilizado nas rodas de tambores ao referir-se à pessoa que está conduzindo a atividade, e optamos em usar este termo ao invés de professor ou educador. O facilitador, assim como o nome já diz, é a pessoa que vai conectar as pessoas através da música. Na roda de tambores as pessoas com ou sem experiência musical anterior estarão em contato criando um campo energético que é único. A energia gerada por aquelas pessoas ali presentes não vai se repetir, pois variáveis como: quantidade de participantes, arrumação da roda, "astral" dos envolvidos e as emoções ali geradas são únicas.

O papel do facilitador é unir as partes de forma harmônica e tornar prazerosa a experiência da roda de tambores trabalhando sempre a escuta. Para isso é necessário primeiramente conhecer o ambiente onde será desenvolvida a roda de tambores, e se preparar para que a comunicação seja efetiva com aquele público específico. Uma roda de tambores desenvolvida em uma escola do ensino fundamental terá uma dinâmica bem diferente de uma roda desenvolvida para executivos em uma empresa, por exemplo. Então, primeiramente se faz necessário conhecer bem o seu público alvo. O segundo passo é se conectar e trabalhar a escuta dentro da roda. Para isso serão necessários alguns comandos

que serão internalizados desde o começo da atividade, quando o facilitador demonstrará para os participantes, de forma prática, sinais corporais que indicarão que eles deverão continuar tocando, parar de tocar, mudar o andamento, a dinâmica, e assim por diante. O terceiro e último passo é provavelmente o mais interessante, pois trata-se da entrega de cada um no fazer musical coletivo e da participação de todos para a fluidez da musicalidade da roda de tambores. A conexão se dá a partir do comprometimento de cada integrante em se doar e mergulhar na atividade.

Portanto, a escuta ativa é peça fundamental no desenvolvimento de uma atividade como a Roda Sonora, assim como a interação, participação plena e vontade de querer fazer parte desse processo. Os facilitadores devem estar atentos às expressões musicais dos participantes, estimulando-as e enfatizando-as. Além disso é necessário ter sensibilidade e sutileza para moldar os ritmos que vão sendo criados. Não deve haver julgamentos e todas as ideias devem ser aceitas. Por isso, é necessário saber ouvir e estar atento aos sinais e manifestações musicais e artísticas dos participantes, com uma comunicação fácil e linguagem corporal acentuada e clara, buscando comunicação visual e empatia com o grupo.

Roda Sonora em 3 contextos

O projeto Roda Sonora já aconteceu em três contextos. As atividades propostas seguiram uma sequência parecida, diferenciando-se, no entanto, na forma de condução e nas respostas dos participantes, levando-se em consideração as diferenças de cada grupo e contexto.

A proposta é que todas as atividades sejam realizadas em roda, para mantermos a energia dos participantes circulando, e para que o movimento musical possa ser cíclico e se renovar a cada instante. Portanto, desde o momento inicial, todos os participantes ficam dispostos em roda, sentados em cadeiras, no chão, ou em pé, a depender da atividade proposta.

A Roda Sonora integra diversos momentos e inclui:

- **Atividades de “quebra gelo”**, a fim de entreter e entrosar os participantes. Neste momento incluímos atividades que possibilitem que as pessoas possam se

cumprimentar e se conhecer, atividades de passar objetos para a pessoa do lado, atividades que as pessoas se olhem nos olhos, e assim por diante.

- **Jogos musicais**, com canções e brincadeiras brasileiras e de outros lugares do mundo, que são executadas com a participação de todos, com o uso da voz, do corpo e/ou materiais alternativos.
- **Percussão corporal**, com jogos de ostinatos rítmicos e melódicos, construção de ritmos diversos e improvisação.
- **Uso de instrumentos percussivos**, reciclados, ou não, com jogos de ostinatos e construções de ritmos diversos, que vão se moldando a partir do que vai sendo proposto pelo grupo através da improvisação e criação coletiva.
- **Canções com movimento**, como ciranda ou toré, por exemplo.

Em todas as atividades propostas vários conceitos musicais vão sendo trabalhados, de forma suave e intuitiva, como dinâmica, andamento, momentos de silêncio, e assim por diante. Nos jogos de ostinatos, os participantes vão construindo a música daquele momento, ouvindo o que outro está tocando e sobrepondo com suas ideias, criando a música coletiva. Em alguns momentos alguns participantes são encorajados a ir para o meio da roda e reger, esculpindo os ritmos do grupo e variando musicalmente, da forma que quiserem. Num outro momento, alguns participantes são encorajados a apenas ficar parados no meio da roda, ouvindo a música com os olhos fechados para perceber o todo através dos sons. Nos momentos de canto e movimento, os participantes são encorajados a criar movimentos corporais e até coreografias. Sempre, ao final, há roda de conversa, onde os participantes são encorajados a verbalizar o que sentiram durante toda a roda.

Roda 1 - Comunitária

A primeira roda aconteceu em uma escola de música em Salvador e teve duração de duas horas. O curso foi divulgado através das redes sociais e aconteceu de forma gratuita, e qualquer pessoa poderia participar. Neste encontro apareceram músicos e não músicos, totalizando 8 participantes, incluindo uma advogada, professores, administradores, um geólogo, músicos e professores de música. Algumas pessoas já se conheciam, mas a maioria estava se encontrando pela primeira vez. As pessoas se entrosaram desde o primeiro

momento e as atividades de “quebra gelo” foram fundamentais para isso. As pessoas estavam muito abertas ao que era proposto e isso garantiu a participação ativa deles em todos os momentos, de forma criativa e ousada. As pessoas que tiveram oportunidade de estar no centro da roda conduzindo, mostraram boa liderança e boa comunicação com os demais. Foi possível perceber as estratégias que cada um ia construindo para que os demais compreendessem o que eles queriam que fosse feito. Por ser um grupo pequeno, tornou-se possível que a maioria dos participantes pudesse experimentar a liderança da roda. Ao final, na roda de conversa, os participantes relataram ter sentido muito prazer e satisfação em estar ali, e trouxeram questões como primitividade e memórias afetivas que foram resgatadas no momento em que tocavam.

Roda 2 - Educadores

A segunda roda aconteceu em uma escola de educação infantil em Salvador e envolveu cerca de 30 educadores, incluindo professores e funcionários. A atividade também teve duas horas de duração e ocorreu no final de um treinamento da equipe de professores da escola como forma de encerramento da atividade. A princípio, por se tratar de uma atividade em uma escola, onde a maioria das pessoas já se conhecia, parecia que seria muito fácil, porém várias questões vieram à tona, como, por exemplo, quando pessoas de setores diferentes tiveram que interagir musicalmente a fim de gerar um ritmo. Tivemos coordenadoras tocando junto com cozinheiras, professores tocando junto com porteiros, e todos conectados com um único propósito. Esses profissionais não trabalham de forma direta uns com os outros no dia-a-dia, porém estavam interagindo para gerar um resultado musical. Assim como na primeira roda, alguns participantes tiveram a chance de liderar o grupo. Os relatos posteriores dessas pessoas indicaram sinais de superação e satisfação. Alguns estavam tímidos e quando foram para o meio, foram se sentindo à vontade e explorando diversas possibilidades sonoras. Assim como na primeira roda, foi possível perceber as estratégias de comunicação sendo construídas. Questões como, clareza na comunicação, timidez e liderança foram levantadas no final da atividade quando os participantes puderam dar seus feedbacks.

Roda 3 - Adolescentes

A terceira roda aconteceu no interior da Bahia, em Pedras Altas, no distrito de Capim Grosso. Foram dois dias de atividades para 40 alunos do ensino fundamental II de duas comunidades diferentes: a comunidade de Pedras Altas e uma comunidade Quilombola do Camboeiro. A atividade de quebra de gelo foi fundamental para ajudar no quesito timidez dos participantes. De forma geral os alunos foram bem participativos, mas antes passamos algumas instruções básicas que tiveram um efeito muito positivo no decorrer das atividades, como o uso do pin do silêncio. Trata-se de um instrumento que, toda vez que era tocado, os alunos tinham que fazer silêncio, pois indicava que seria passada uma nova instrução. Eles levaram o combinado bem a sério, o que facilitou a comunicação dos facilitadores com eles.

O grupo era bastante heterogêneo, pois mesmo sendo apenas adolescentes de duas comunidades, havia pessoas que nunca tinham tocado um instrumento musical na vida, outros que faziam parte da banda de fanfarra e já outros ainda que faziam parte do coral e/ou aprendiam violão. O evento foi divulgado na cidade e nos dois dias de atividade foram servidos lanches para todos os participantes e disponibilizado um ônibus para apanhá-los em suas comunidades e deixá-los no final de cada dia de atividade.

Por termos tido mais tempo com os participantes, pudemos explorar mais atividades e realizar as propostas com calma. Poucos alunos quiseram participar das atividades de condução e liderança. Alguns, quando se tornavam centro das atenções, acabavam se retraindo e se negavam a participar. Mesmo assim, quando foi o momento de improvisar com instrumentos percussivos, todos participaram e solaram. Os que foram para o meio da roda testaram sonoridades diversas e souberam conduzir muito bem o grupo. Nas atividades coletivas a participação foi massiva e teve grande efeito. De um dia para o outro, os adolescentes até quiseram cantar músicas que havíamos cantado no primeiro dia.

Relatos dos participantes

Nas três rodas realizadas tivemos a oportunidade de coletar alguns relatos dos participantes ao final das atividades. De acordo com as falas, pudemos perceber que os

objetivos da roda foram alcançados e que o fazer musical coletivo despertou vários sentimentos e emoções nos participantes.

Com as respostas pudemos perceber que muitos participantes se sentiram confiantes e realizaram atividades que até então nunca tinham realizado, potencializando a autoestima e sentimentos de superação, satisfação e motivação. Pudemos também identificar que o que mais chamou a atenção dos participantes foram as relações interpessoais construídas durante o processo. Alguns perceberam suas individualidades inseridas no todo, e a importância da conexão entre as pessoas para as construções daquele momento. Alguns relacionaram a roda como um momento de relaxamento e descontração, como se eles tivessem ido para outra esfera, quebrando os pensamentos do dia-a-dia. Outros relacionaram os momentos vividos com suas memórias afetivas e sentimentos de bem-estar. Abaixo seguem alguns relatos, organizados por diferentes categorias:

Autoestima / autoconfiança

“Participar da roda serviu pra me provar que, apesar das minhas dificuldades, todo mundo carrega música dentro de si, todo mundo é capaz de sentir a música fluir pelo corpo e, principalmente, pela alma.”

“Do meu ponto de vista musical acho que a falta de padrão faz com que você se liberte para fazer o quiser dando liberdade aos músicos e não músicos!!!”

“...me foi propiciado ampliar as possibilidades de construção musical, independentemente de conhecimentos musicais prévios, ou seja, basta ser humano que o ritmo acontece!”

“Os instrumentos...que eu nunca tinha tocado um pandeiro um dia na vida! (rs) Não sabia nem como é que era que tocava. Achei bastante legal.”

Relações interpessoais

“Uma vez conectado com a música, é possível se conectar com o outro, cada um na sua individualidade, mas todos no mesmo ritmo. A música conecta cada um com si mesmo e com o outro, só é preciso ouvir a música que vem de dentro de nós. E a roda ajuda a

escutá-la.”

“O ambiente descontraído também faz com que o contato com o próximo seja mais livre, mais fácil de conversar.”

“Na medida em que as atividades foram acontecendo, a mística de estarmos numa roda, somada aos movimentos corporais e ao poder ancestral do tambor, fez com que minha atenção se voltasse para dentro, para ações intuitivas, mais naturais, fazendo com que a troca e a soma com os demais participantes se desse de maneira mais verdadeira”

“Senti-me fácil e rapidamente integrado aos outros músicos, amadores ou não... O jeito de conduzir as atividades realmente proporciona integração a muitos tipos de grupo e pode ser útil em muitos campos do ensino e da vida.”

“A partir das informações e dinâmicas compartilhadas pretendo ampliar meu repertório de brincadeiras e de intervenções pedagógicas, no intuito de tornar as relações entre ensinar e aprender mais fluidas e conseqüentemente mais interessantes, principalmente para aqueles que aprendem.”

“De repente tinha um todo, que se um sáisse não era mais aquilo”

“A gente se entrega, sem que ninguém dê ordem do começo, hora que tem que parar... e você tá ali...então tem a pulsação rítmica e você ali oh! Envolvido...”

“Todo mundo interagiu, conheceu cada um, que todo mundo não se conhecia. Alguns já se conheciam, mas outros não..., mas foi bom.”

“A interação, porque as pessoas interagiram bastante com o grupo.”

“A individualidade de cada se torna um complemento do outro criando uma roda com um único propósito, se expressar”

Relaxamento / descontração

“O que eu posso dizer é que foi uma atividade bem relaxante, faz você ficar descontraído e quebra bastante no meu caso o q eu faço no dia a dia”.

“Acho que os pontos que me marcaram mais foi a questão do relaxamento, Quebra dos pensamentos do dia a dia, e a facilidade de comunicação nesse ambiente”

Memórias

“É como se o ritmo dos instrumentos percussivos reativasse memórias ou lembranças fantasias guardadas trazendo ao menos em mim bons sentimentos” (bem-estar)

“Acho q o ritmo "tribal" nos remeta isso, dessa organização em roda, nos remeta aos grupos tribais pequenos em que vivíamos em que necessariamente tínhamos que nos relacionar e em que o momento de descontração possivelmente ocorria dessa forma”

Bem-estar

“Participar da roda foi um alerta importante e prazeroso.”

“A roda de tambores e o método foram superdivertidos e relaxantes...”

“Foi maravilhoso! Saí da Casa com a alma lavada e cheia de boas energias. Gratidão!”

“Foi como se a música estivesse entrando dentro de mim e eu estivesse com uma energia boa”

Expressividade

“A proposta claramente vai além da música, a música se torna um fio que liga a expressividade de cada um, em um só ato.”

Como podemos perceber através dos relatos, de forma geral, os participantes demonstraram prazer em participar das atividades propostas. O tempo de cada um foi respeitado e todos puderam se expressar musicalmente e artisticamente.

Conclusões e reflexões

O projeto Roda Sonora tem despertado nossa curiosidade e nosso desejo em explorar outros contextos, como organizações empresariais, hospitalares e outros. Cada contexto apresenta desafios diferentes, que instigam nossa vontade em dar continuidade ao

projeto. Os desafios encontram-se também na conduta dos facilitadores, pois, por se tratar de uma dupla, muitas estratégias devem ser elaboradas em conjunto, e deve haver uma conexão e entendimento do par ao mediar as atividades, para manter a fluidez. Além disso, a dupla deve estar preparada para lidar com situações inesperadas que acontecem durante a ação. Percebemos que essa conexão está sendo construída e já passou por transformações significativas, mas que ainda pode melhorar. Ao final de cada roda fazemos uma reflexão crítica sobre nossa prática (SCHÖN, 2000), pontuando o que deve ser melhorado, e aplicamos na roda seguinte. Ou seja, a prática está em constante adaptação ao contexto, à conduta dos facilitadores e às respostas dos participantes.

As três rodas realizadas até o momento trouxeram muitas reflexões sobre a prática musical em grupo e sobre o que a música é capaz de provocar nos seres humanos. Além disso, a música pode ser uma ferramenta e um caminho a ser seguido. A roda realizada em Capim Grosso teve um significado especial para nós, pois, de acordo com o coordenador de cultura da região, os adolescentes das comunidades participantes estão muito vulneráveis ao uso e tráfico de drogas. Em um dos momentos, o coordenador direcionou sua fala aos adolescentes, fazendo uma analogia da Roda Sonora com as rodas que cada um escolhe para fazer parte na vida.

“Então vocês percebem como é importante a roda e você segurar a mão do outro (...) E pegar na mão daquele que tá em dúvida e puxar pro meio da roda e dizer ‘não, este não é o meu caminho, não é o seu, não é o que a gente quer’. Então vocês fiquem bastante atentos ao que acontece ao redor de vocês. É uma roda. Você pode de repente estar envolvido numa roda que não é uma roda boa. E você quer sair dali e não consegue, (...) que a gente tem que buscar o sim, a verdade, a bondade, a honestidade e procurar evitar andar em rodas que não sejam a nossa, que não é o ambiente para nós. Pelo contrário, tirar quem tá lá e trazer para uma roda boa, uma parte do bem(...)”

De forma geral, a música é uma ferramenta que está ajudando esses adolescentes a sair do mundo das drogas e a incluí-los na sociedade, com projetos como a fanfarra e o coral, que acontecem regularmente nessas comunidades. A presença da Roda Sonora chegou para fortalecer um trabalho que já vem sendo desenvolvido por eles, e naquele momento, serviu para fortalecer os vínculos entre eles. O coordenador acrescentou:

“Tivemos uma excelente oficina de canto, de música, de percussão e isso daí também trouxe uma paz generosa para todos eles. Eu acho que o que estamos

precisando é dessa fruição dessas artes... essa fruição também dessas comunidades, para que eles possam se enxergar no outro e o outro se enxergar nele e a gente procurar realmente encher nosso coração com coisas boas. É isso que a proposta da Roda Sonora veio aqui completar para nós, esse desejo de que todo esse movimento possa crescer em todos os lugares.”

Percebemos, portanto, que o fazer musical coletivo nos três contextos descritos trouxe à tona questões que vão além da música, e provocou nas pessoas e nos facilitadores sentimentos peculiares, incluindo sensações de prazer, bem-estar, auto-estima e capacidade de realização, através de atividades práticas e criativas. Todas as rodas foram documentadas em vídeos, que foram editados e postados em um canal do YouTube¹ criado especificamente para o Projeto Roda Sonora. Esperamos assim disseminar essa proposta para outros contextos e dar continuidade ao trabalho.

¹ www.youtube.com/rodasonoramusic

Referências

CSIKSZENTMIHALYI, M. *Creativity: the psychology of discovery and invention*. New York: HarperCollins, 2013.

DANTAS, Taís. Aspectos psicossociais na aprendizagem musical em grupo: Auto-estima, motivação e interações em sala de aula. In: DANTAS, Taís; SANTIAGO, Diana (Orgs). *Ensino coletivo de instrumentos musicais: contribuições da pesquisa científica*. Salvador: EDUFBA, 2017. 121-135.

KOOPMAN, Constantijn. Community music as music education: on the educational potential of community music. *International Journal of Music Education*. SAGE, 2007.

SANTA ROSA, Amélia Martins Dias. *A construção do musical como prática artística interdisciplinar na educação musical*. 2006. 184f. Dissertação (mestrado em Música) - Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal da Bahia, Bahia, Salvador, 2006;

SANTA ROSA, Amélia Martins Dias. *O processo colaborativo no musical "Com a perna no mundo" identificando articulações pedagógicas*. 244f. 2012. Tese (doutorado em Música) - Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal da Bahia, Bahia, Salvador, 2012;

SCHÖN, Donald A. *Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SUZUKI, Paulo Roberto. *Roda de Tambores na Musicoterapia como Técnica em Potencial*. Trabalho de conclusão de programa de pós-graduação em Musicoterapia. São Paulo: UniFMU, Centro Universitário FMU, 2008.